

Renovação Carismática e Teologia da Libertação: elementos para uma sociologia da juventude católica

Resultado de pesquisa finalizada

GT21 “Sociologia da Religião”

Flávio Munhoz Sofiati¹

Resumo

O texto apresenta uma análise das tendências orgânicas do catolicismo, enfatizando a ação das juventudes carismáticas e das pastorais da juventude no interior da Igreja Católica. Além disso, procura-se apresentar os elementos que possibilitam a articulação de Weber e Gramsci como referencial teórico nos estudos do fenômeno religioso. A proposta é articular conceitos em direção à construção de uma sociologia da juventude católica no sentido de compreender o contexto juvenil dos fieis praticantes das duas principais tendências orgânicas do catolicismo: os radicais, representados pelas pastorais da juventude, articulados com a perspectiva da Teologia da Libertação, e os modernizadores conservadores, representados pelo movimento carismático, inseridos no processo de pentecostalização do catolicismo brasileiro.

Palavras-chave: Religião; Juventude; Catolicismo contemporâneo

Introdução

A proposta deste trabalho é apresentar alguns elementos para a construção de uma sociologia da juventude católica no Brasil. O texto faz um balanço da minha produção publicada em dois livros que debatem a situação dos agrupamentos juvenis católicos no Brasil, principalmente da Renovação Carismática Católica (RCC) e da Teologia da Libertação (TL).

Os livros *Religião e juventude: os novos carismáticos* e *Juventude católica: o novo discurso da Teologia da Libertação* procuram analisar a conjuntura dos jovens do catolicismo a partir da sua presença nas duas principais tendências atuais: os modernizadores conservadores e os radicais, respectivamente.

Dessa maneira, apresenta-se os elementos teóricos principais para a compreensão do fenômeno religioso, principalmente do catolicismo e suas tendências. Em seguida, discute-se a noção de juventude e apresenta-se as principais características da juventude católica a partir dos jovens da RCC e TL. No processo, analisa-se alguns elementos que contribuem para compreender os jovens das principais vertentes do catolicismo brasileiro.

¹ Professor Adjunto de Sociologia da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo e autor dos livros “Religião e juventude: os novos carismáticos” (Idéias & Letras / FAPESP) e “Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação” (EDUFSCar / CAJU). E-mail: sofciati@gmail.com

Tendências Católicas

O tema das tendências orgânicas do catolicismo é discutido nos dois livros citados. Neste texto, apresenta-se uma sistematização breve a fim de orientar o leitor acerca dos diversos agrupamentos no interior da Igreja Católica (IC).

Na análise do catolicismo, parte-se da perspectiva de que há diferentes vertentes no interior da IC no Brasil. Michael Löwy (2000), a partir dos estudos de Gramsci (2001), utiliza o termo “tendência” para descrever as diferenças existentes no catolicismo: tradicionalistas, modernizadores conservadores, reformistas e radicais. Ele identifica essas tendências a partir das relações sociais, principalmente as relações dos católicos com as várias formas de poder presentes na sociedade.

Seguindo essa perspectiva, utiliza-se o conceito de “Tendências Orgânicas do Catolicismo” como instrumento para compreender os processos internos na IC do Brasil. Essas tendências são definidas da seguinte maneira: 1) Tradicionalistas – composto por “um grupo muito pequeno de fundamentalistas, que defendem ideias ultrarreacionárias e às vezes até semifascistas”; 2) Modernizadores conservadores – composto por “uma poderosa corrente conservadora” extremamente “hostil à Teologia da Libertação e organicamente associada às classes dominantes”; 3) Reformistas – composto pelos moderados “pronta para defender os direitos humanos e apoiar certas demandas sociais dos pobres”; 4) Radicais – composta por uma “minoridade pequena, mas influente” de simpatizantes da TL e solidária aos movimentos sociais (LOWY, 2000, p.66). É importante destacar que Löwy constrói sua definição a partir da análise de Gramsci (2001) que desenvolve uma conceituação das disputas internas na IC italiana, caracterizadas como distintas religiões presentes em seu interior.

Gramsci (2001) identifica que, desde o final do século XIX, há três tendências presentes no interior do catolicismo italiano: os integristas, os modernistas e os jesuítas que, por ser uma congregação influente e coesa, é definida por ele também como tendência. Essas tendências representam camadas sociais do bloco católico e suas disputas são definidas como partidos internos que lutam pelo controle institucional da instituição católica. Os integristas, “partidários da intransigência ideológica e política”, representam o segmento conservador da sociedade. Os modernistas são uma série de “correntes bastante heterogêneas”, divididas em duas forças principais: uma que se aproxima das classes populares, favorável ao socialismo, e outra que se aproxima das correntes liberais, favorável à democracia liberal (GRAMSCI, 2001, p.153).

Hugues Portelli, um importante estudioso da obra gramsciana, afirma que Gramsci também considera os jesuítas como uma corrente que se localiza ao centro das duas tendências anteriores e que mantinha no início do século XX o controle do Vaticano. “Gramsci considera que a principal força dos jesuítas reside no controle da sociedade civil católica e, antes de tudo, das organizações de massa católica – promovidas, aliás, pelos jesuítas – e principalmente a Ação Católica e das missões” (PORTELLI, 1984, p.157).

Gramsci (2001, p.233) considera a luta dessas tendências internas como “lutas entre partidos”. Dessa forma, a unidade religiosa, principalmente dos católicos que procuram manter sua condição internacional, é aparente, pois oculta uma série de divergências em relação à visão de mundo da IC. Porém, Portelli (1984, p.149) afirma que Gramsci caracteriza como “normal” a luta de tendências pelo fato dessas serem “[...] a ilustração dos diferentes tipos de crise interna que toda superestrutura atravessa”. Todavia, o importante é ressaltar que Gramsci (2001) considera a possibilidade de transformação do

conteúdo total da Igreja em determinados contextos. Essa possibilidade é central na análise do desenvolvimento histórico do catolicismo na América Latina, pois, como interpreta Portelli (1984, p.165), Gramsci considera que os conflitos internos entre os católicos representam a “[...] evolução estrutural e ideológica do mundo leigo, e da subordinação da Igreja a este”.

Portanto, ao utilizarmos o referencial de Löwy e Gramsci para análise da IC, conclui-se que as tendências do catolicismo brasileiro podem ser classificadas inicialmente da seguinte maneira: 1) Tradicionalistas: compostas pelos movimentos Opus Dei, Tradição Família e Propriedade e Arautos do Evangelho; 2) Modernizadores conservadores: setor no qual se insere o Movimento de Renovação Carismática Católica; 3) Reformistas: no qual predominam as congregações que trabalham diretamente com educação como, por exemplo, os salesianos e maristas; 4) Radicais: composta pelos setores ligados à Teologia da Libertação como as CEB’s, Pastorais Sociais, Pastorais da Juventude.

A formulação dessa classificação é necessária para compreender os espaços nos quais estão inseridos a Renovação Carismática e a Teologia da Libertação em relação ao contexto eclesial e social do catolicismo brasileiro. Feito essa diferenciação, discute-se a seguir os conceitos utilizados para a análise da religião no Brasil.

Religião: ação social e visão de mundo

Sendo o jovem religioso o tema do capítulo, cabe nesse momento a tarefa de construir o mapa conceitual das duas matrizes teóricas utilizadas como referencial e mostrar como seus conceitos são trabalhados. Por isso, sistematiza-se um quadro teórico de Weber (2002, 2004, 2005) e Gramsci (2001, 2001b), explicando como seus conceitos são utilizados de forma articulada na análise do objeto.

Seguindo a orientação weberiana, o olhar sobre os jovens do movimento carismático católico e do cristianismo da libertação pretende compreender interpretativamente a ação da IC numa determinada realidade social. O intuito é explicar de forma causal a situação social e adesão religiosa da juventude. Nesse sentido, articula-se as regras gerais dos acontecimentos religiosos a fim de desenvolver um tipo ideal dos jovens católicos. Além disso, utiliza-se o modelo de análise comparativa de Weber com o objetivo de identificar os motivos e impulsos da ação das religiões na realidade observada.

Parte-se do pressuposto de que a ação do jovem católico é de caráter racional com relação a fins e valores. Entende-se também que a IC possui relações sociais de caráter comunitário, pois os participantes se sentem pertencentes a ela de forma afetiva ou tradicional, mas também associativa, já que há união de interesse racionalmente motivado. As relações sociais estabelecidas são interpretadas como “fechada para fora”, havendo limitações – regras e doutrinas – para a entrada do indivíduo.

A sociologia da religião de Weber é parte de sua sociologia da dominação. Por isso, entende-se que a religião exerce um tipo de dominação (autoridade) sobre seus fiéis. Essa dominação é legítima no sentido de ser racionalmente respeitada pelos membros da igreja. Mas também ela pode ser tradicional, quando se respeita a autoridade a partir da crença nas tradições; e carismática, quando a autoridade é atribuída a uma pessoa identificada com poderes sobrenaturais. Identificam-se esses três tipos de autoridade no movimento carismático católico, todavia, com uma predominância do tipo de dominação carismática. No caso da Teologia da Libertação o processo é parecido, entretanto, a

dominação carismática é menos enfática em virtude da forte racionalização presente no processo de educação da fé dos jovens.

A obra weberiana também orienta essa investigação no sentido de entender a questão do carisma e da burocracia na religião. Esses conceitos permitem analisar a realidade das igrejas e traçar um quadro do grau de burocratização no qual está submetida, além de averiguar a capacidade que o elemento carismático ainda tem de se manifestar no interior delas.

Outra contribuição de Weber se dá em relação ao funcionamento do campo religioso. Há a necessidade de identificar elementos, práticas e agentes específicos desse campo para o entendimento da ação das igrejas na sociedade. Em sua sociologia sistematizada da religião encontra-se a classificação dos elementos (carisma, espírito, alma e poderes-suprassensíveis – deuses e demônios), as principais práticas (oração, sacrifício, sermão e cura de almas) e os atores (profeta, sacerdote, mago/feiticeiro e o leigo) do campo religioso. O trabalho de campo é desenvolvido a partir da observação sistemática destes elementos na Igreja Católica, principalmente nos encontros periódicos como os grupos de oração, grupos de jovens e atividades de formação (acampamentos, encontros e retiros), festividades e louvores.

Dentre os agentes do campo religioso, a atenção se volta para o sacerdote e o leigo, sem desconsiderar os aspectos de profeta e de mago/feiticeiro presentes no padre que são observados. Entretanto, o que predomina nesse agente são os elementos definidores do sacerdote pelo fato destes terem como principal tarefa a produção da cotidianização do carisma em sua comunidade de fé. Em relação aos jovens do movimento carismático, o perfil aponta as seguintes características: são de camadas negativamente privilegiadas; as concepções racionalizadas não são muito acessíveis e, em contrapartida, predominam os elementos mágicos; e há uma suscetibilidade à ética da retribuição. No caso da juventude da Teologia da Libertação, também são predominantemente de camadas sociais menos favorecidas, as concepções racionais já são mais acessíveis, havendo uma certa negação dos elementos mágicos nas práticas dos grupos.

Por fim, o problema “Teodicéia” colocado por Weber possibilita compreender a forma como o leigo é orientado (ou manipulado) pelo sacerdote na IC. Seu debate acerca dessa questão permite visualizar a vinculação do indivíduo a um cosmos de deveres e a consequente previsibilidade de sua conduta na sociedade. Estabelece-se assim uma ética religiosa que tem no “pecado” e na “fé” os principais elementos de aglutinação. Ao assumir a noção de pecado e de fé em sua vida, o indivíduo se vincula a uma comunidade de fé (igreja) com o objetivo de alcançar a piedade de Deus e chegar à salvação.

Gramsci também contribui para a investigação quando apresenta um estudo do funcionamento do cristianismo, a partir da análise da Igreja Católica Italiana. Visto de forma sistematizada, suas análises esparsas contidas em *Os Cadernos do Cárcere* orientam para o entendimento da presença dos setores populares na religião, da origem social do sacerdote e das lutas internas como reflexo das diferentes ligações socioeconômicas presentes em seu interior.

Ao propor uma análise preocupada com as funções sociais, ideológicas e políticas da religião – com enfoque nos aspectos políticos da atuação religiosa na sociedade – permite-nos fazer uma imersão no significado da religião como ideologia (visão de mundo), ou seja, como uma forma de ideologia específica na sociedade. Além disso, seu estudo estabelece relação diferenciada entre a religião e as estruturas socioeconômicas

(superestrutura e infraestrutura) no qual não existe influência direta da segunda sobre a primeira e sim, no caso da religião, uma relação mais autônoma.

Há também em Gramsci a análise do papel dos intelectuais religiosos acompanhada de uma crítica da natureza dual do fenômeno religioso – materialismo prático *versus* idealismo teórico – no qual a proposta do ideário igualitário só é alcançada em outro mundo.

A proposta do autor em focar a análise religiosa na função histórica deste fenômeno em determinado contexto social, possibilita o estudo da Igreja como norma de conduta prática estabelecida como aparelho ideológico (dominação religiosa) e como visão de mundo (forma de ideologia específica).

Portanto, a obra gramsciana possibilita o entendimento da religião como um cenário de significado cultural-ideológico específico que, em condições determinadas, exerce papel principal na vida social, sendo a Igreja Católica uma instituição atravessada por conflitos sociais.

Em virtude da utilização de conceitos distintos de dois autores considerados como diferentes em seus métodos de análise, é essencial apresentar os elementos que possibilitam a articulação dos mesmos na pesquisa sobre religião. O ponto central dessa utilização está na existência de permeabilidade entre os conceitos de cultura e ideologia. O conceito de cultura utilizado é o definido por Weber que o vê como um segmento finito, como o elemento que dá significado a um determinado aspecto do social; e o conceito de ideologia utilizado é o definido por Gramsci, uma visão de mundo, sendo a igreja um aparelho ideológico. Dessa forma, é possível utilizar Weber e sua ideia de cultura como instrumento para o estudo e comparação entre as organizações religiosas na sociedade e Gramsci com sua ideia de ideologia como instrumento para a análise dos aspectos políticos da religião.

A partir desta articulação, pode-se estabelecer alguns pontos de convergência entre os autores em voga. Em Ortiz (1980), encontra-se como ponto de unidade a questão da problemática do poder, da ideia da autonomia religiosa e da questão do monopólio dos aparelhos ideológicos na sociedade. A questão da presença da religião em diferenciados grupos sociais e da análise do papel dos agentes religiosos também são pontos de conexão importantes e que são utilizados no presente texto.

Este ponto apresentou em linhas gerais os elementos teóricos desenvolvidos nos dois livros publicados por este autor. Procurou-se articular duas matrizes teóricas em torno do tema: a sociologia compreensiva alemã (a partir de Weber) e o materialismo histórico-dialético (a partir de Gramsci). Cabe ressaltar que no livro *Juventude católica*, sobre a Teologia da Libertação, a ênfase foi dada nos elementos marxistas em conjunto com alguns conceitos weberianos. Já no livro *Religião e juventude*, sobre a Renovação Carismática Católica, priorizou-se a sociologia compreensiva, utilizando-se alguns elementos do pensamento gramsciano.

Juventude: uma noção em construção

Com relação ao tema da juventude, os livros *Religião e Juventude* e *Juventude Católica* assumem como referência inicial a obra de Maria M. Foracchi, principalmente seus dois livros *O estudante e a transformação da sociedade brasileira* e *A juventude na sociedade moderna* que tratam da questão dos estudantes e a relação juvenil com a modernidade. Para Foracchi (1965, p. 302), “juventude é, ao mesmo tempo, uma fase da

vida, uma força social renovadora e um estilo de existência”, sendo que cada sociedade constitui o jovem à sua própria imagem.

Foracchi (1972) argumenta ainda que a definição do conjunto dos jovens enquanto categoria histórica e social ocorre no momento em que esse se afirma como movimento de juventude, pois a noção de juventude é uma criação da própria sociedade moderna. Por isso, é necessário entender a juventude para entender as diversas características dessa sociedade, já que ela compõe o processo histórico e social de construção da modernidade.

Como afirma Maria Helena Oliva Augusto (2005, p. 20) “A mobilização dos recursos e das potencialidades que possui depende diretamente das alternativas abertas aos jovens por sua inserção social, pelas posições que ocupam, pelos caminhos oferecidos para sua trajetória”. Dessa maneira, a juventude corresponderia ao momento de descoberta da vida e da história.

A obra de Foracchi (1965, 1972) é um clássico nos estudos sobre juventude, pois se mantém central para a discussão atual do tema. “Sua reflexão permanece viva e traz contribuições para o campo de conhecimento que tratou” (AUGUSTO, 2005, p. 12). A definição do termo juventude como categoria social é constituída no trabalho de Foracchi a partir de três aspectos: a) o desenvolvimento de relações interpessoais; b) a presença de manifestações vinculadas à situação de classe; c) e a referência aos processos de transformação da sociedade. Augusto (2005, p. 13) argumenta que a articulação desses três níveis permitiu uma equação abrangente do processo de construção da categoria juventude.

A proposta é avançar nas considerações de Foracchi, visto que nos últimos anos houve uma considerável mudança na composição social dos universitários em virtude do aumento de vagas e de instituições públicas e particulares de nível superior. Além disso, o ativismo dos jovens católicos da Renovação Carismática e da Teologia da Libertação é bem diferente da ação dos jovens que participam do movimento estudantil, foco dos estudos de Foracchi. Em geral, ação juvenil do século XXI possui configurações bem diferentes das apresentadas nos anos 1960 e 1970. E também, os temas com interface juventude e religião ainda são muito incipientes na academia brasileira, conforme retrata Marília Pontes Sposito (2009b, p. 28).

Do ponto de vista sociológico, o jovem é um ser marginal, uma categoria marginalizada. O jovem está naturalmente à margem da sociedade em conjunto com as classes oprimidas, os intelectuais independentes, etc. Singer (2005 p. 27) trabalha com a ideia de juventude como “pessoas que estão numa mesma faixa etária” (entre 15 e 24 anos), vivenciando a realidade em “estágios vitais semelhantes”. Ele constata que os jovens de hoje nasceram em tempos de crise social.

Essa crise compõe a principal característica da modernidade, ou seja, a sua situação de instabilidade e falta de perspectiva de futuro. O signo do risco é tema central da sociedade atual. “O risco é aqui entendido como uma *interpretação* do enfrentamento do perigo na persecução dos objetivos” (MENDOLA, 2005, p. 59). No ambiente juvenil o risco se caracteriza principalmente na ideia do estudo como algo necessário para conseguir um bom emprego, mas não suficiente, já que o diploma hoje não proporciona mais uma possibilidade real de inserção profissional. O risco também assume forma relevante na fase juvenil por representar o início de um processo de construção, experimentação e a afirmação da própria identidade. Enfim, o jovem dos anos 2000 projeta seu futuro sob o signo do risco.

Salvatore Mendola (2005, p. 81-82) apresenta uma caracterização no que se refere ao enfrentamento do risco na atualidade entre jovens de diferentes segmentos sociais. Ele distingue três grupos: a) “os ainda não incluídos”: são os jovens inseridos no modelo burguês de transição para a vida adulta no qual há um treinamento predatório e um estímulo para ocupação de posições de poder; b) “aqueles nas fronteiras”: são os jovens com expectativa de mobilidade social, mas sem condições reais de ascensão; c) “os excluídos”: são os jovens que estão completamente excluídos dos trajetos institucionais de transição para a vida adulta.

A crise que perpassa a sociedade moderna, em seus mais variados aspectos, coloca em foco novos elementos para a caracterização da “dimensão de futuro”. O horizonte temporal vem sendo cada vez mais comprimido com o esvaziamento do tempo futuro como um espaço propício para a construção de um “projeto de vida”. Essas transformações são sentidas principalmente nas vivências da juventude contemporânea, já que a noção de juventude como um momento de transição para a vida adulta está se esvaziando.

Carmem Leccardi (2005, p. 43) constrói a noção de “futuro indeterminado e indeterminável”, que está cada vez mais presente nos dias atuais. “Nesse, há cada vez menos espaços para dimensões como segurança, controle, certeza [...]”. A autora apresenta uma nova noção que substitui a ideia “pouco funcional” de futuro: trata-se do termo “presente estendido”. Significa que o tempo se apresenta de forma fragmentada e a possibilidade de desenvolvimento de projetos se encontra esgotada na modernidade. Nesse processo, a lógica da “experimentação” ganha força e substitui a perspectiva do presente como cenário de construção de uma vida futura estável. No espaço juvenil, essa tese ganha força e o presente estendido torna-se o futuro imediato para vivência plena da vida a partir dos impulsos do sentimento. Dessa forma, assiste-se ao esgotamento da perspectiva do futuro como espaço para definição do sujeito. O que vale é o “aqui e agora”, havendo uma supervalorização dos sentidos.

Significa que para o jovem percorrer as etapas naturais para a condição adulta – conclusão dos estudos, inserção no mundo do trabalho, saída da casa dos pais, construção de um núcleo familiar, geração de filhos – estão sendo dificultados. Assim, o prolongamento da fase juvenil se constitui em um aspecto importante em sua caracterização. Além disso, Leccardi (2005, 49) chama a atenção para “o desaparecimento da possibilidade de ancorar as *experiências* que os jovens realizam [...] no mundo das *instituições sociais e políticas*”. “Para o jovem, no centro dessa crise está a separação entre trajetórias de vida, papéis sociais e vínculos com o universo das instituições capazes de conferir uma forma estável à identidade”. (LECCARDI, 2005, p. 49). Assim, o jovem se encontra destituído de espaços de sociabilidade e possibilidades de inserção social.

Em contrapartida, Helena Abramo (2005) constata que os jovens estão chegando à vida adulta sem passar pelos estágios fundamentais estabelecidos no processo de transição (que se encontra prolongado nos dias atuais): formação escolar, profissionalização, entrada no mercado de trabalho. Ao ser forçado a “pular etapas” em virtude da crise social, o jovem assume responsabilidades da vida adulta, casamento e filhos, prejudicando-se na continuidade de sua formação educacional. Consequentemente tem dificuldades em encontrar emprego. O prolongamento da vida juvenil se configura num aspecto importante e contraditório da crise social, no qual o jovem assume responsabilidades de adulto, mas mantém sua dependência da estrutura dos pais em virtude das dificuldades financeiras. Abramo (2005, p. 60) fala inclusive de “um novo modelo cultural de transição para a vida

adulta”, em que o fim da juventude não implica necessariamente independência financeira em relação aos pais.

Há, portanto, um processo contraditório no cenário juvenil atual que passa pelo prolongamento e encurtamento da passagem da vida juvenil para adulta. O indivíduo prolonga sua permanência nessa faixa etária na medida em que se mantém dependente dos pais, mas pula etapas ao gerar filhos e assumir o casamento sem conquistar sua autonomia financeira. Todavia, Sposito (2009, p. 1-2) questiona essas definições e afirma que houve uma mudança no modo de transição para a vida adulta, sendo que alguns autores tratam do assunto como desregularização das etapas, outros como descronologização e há aqueles que dão ênfase à crise das matrizes que orientavam a ação das instituições sobre os indivíduos.

A fim de encaminhar uma saída viável para o tema e que permita desenvolver o estudo acerca dos jovens católicos, insere-se nessa discussão as considerações de José Machado Pais (1993, p. 72-75) acerca dos “modos de agir dos jovens no interior dos ritmos da vida cotidiana”. Segundo o autor, uma metodologia eficiente para a compreensão do jovem na sociedade deve levar em consideração uma abordagem multi e interdisciplinar que possibilite analisar as “culturas juvenis” desenvolvidas por essa categoria social. Assim, a chave para entender a maneira com que os jovens constroem seu processo de passagem para a vida adulta está centrada na realização dessas “culturas juvenis” compreendidas por Pais como “práticas sociais”. Em sua perspectiva metodológica do “curso de vida”, Pais examina os vínculos entre trajetórias individuais e estruturas sociais, centrais para o desenvolvimento da minha pesquisa que procura compreender a trajetória de jovens no interior dos agrupamentos juvenis católicos e sua inserção e ação, como membro desse grupo, na sociedade.

Augusto (2005, p. 24) argumenta que “o *futuro possível* [do jovem] depende dos processos em curso na sociedade inclusiva e da posição ocupada pelo jovem na família”. Na opinião da autora, a perspectiva de futuro do jovem fica cada vez mais nebulosa diante de uma sociedade permeada de indeterminações e de insegurança nos mais diferenciados níveis da vida. A busca principal do jovem é o seu processo de inserção na sociedade. A questão é que essa sociedade vive um profundo problema de exclusão. Diante de uma situação de crise, a busca do religioso se configura numa tentativa de reconquistar o futuro como espaço de estabilidade social. Como afirma Novaes (2005, p. 282), na análise do tema juventude e religião é fundamental que se insiram os elementos da insegurança e dificuldades de inserção social presentes na Brasil. Para a autora, o futuro é olhado pelos jovens na ótica do medo. O caminho percorrido nesse processo se dá a partir da crise educacional, da falta de trabalho formal, da não participação política e da falta de perspectiva de futuro. Isso leva preponderantemente às drogas, ao alcoolismo e à prostituição. Nessa situação a igreja passa a ser um ambiente de reencontro com a identidade e de resgate do projeto de vida.

Assim, a demanda por um projeto de vida passa a ser ancorada no religioso, tornando-se parte de um projeto divino. A alternativa para um futuro sem projetos, para parte considerável dos jovens, é a possibilidade de sua realização numa outra vida, no além. Por isso, a noção de realização instantânea, diante de uma possibilidade de inclusão por meio do sagrado, torna as religiões espaços potenciais de presença dos jovens, principalmente aqueles que possuem poucos recursos sociais, culturais e econômicos para superar a crise de futuro que se apresenta na sociedade atual.

Vejam os seguintes como esse cenário se configura na realidade do catolicismo, considerando duas importantes experiências com trabalho juvenil.

Jovens católicos: características principais das duas tendências

Apresenta-se neste ponto as principais características da juventude da Teologia da Libertação e da Renovação Carismática Católica. Começa-se com os jovens da TL a partir do livro *Juventude católica*.

As Pastorais da Juventude do Brasil (PJB) compõem o segmento juvenil da Teologia da Libertação na Igreja Católica. A sigla PJB surge na Assembleia de 1995 para significar a união das pastorais específicas: PJ, PJE, PJR e PJMP. A sigla PJB deixou de existir a partir da última Assembleia Nacional realizada em 2008 em virtude da decisão de por fim à organização conjunta das pastorais específica. Todavia, para este trabalho, a sigla será mantida, visto que a pesquisa foi feita durante o período de existência da articulação conjunta das pastorais.

A PJB defende a tese de que os jovens devem ser organizados pelos próprios jovens, apresentando-os como protagonistas de sua ação evangelizadora. Ela é composta por quatro pastorais específicas.

A Pastoral da Juventude – PJ – corresponde aos grupos das paróquias e das CEB's, das grandes cidades ou do interior, sendo a maior e também a mais articulada e estruturada dentre as pastorais específicas. Sua atuação na comunidade eclesial e nas paróquias enfatiza a ação do jovem no interior da IC. Portanto, grande parte dos jovens da PJB está inserida em trabalhos eclesiais como catequese e liturgia.

A Pastoral da Juventude Rural – PJR – está ligada à problemática da terra: questão agrária e ecológica. Atinge jovens agricultores, filhos de pequenos trabalhadores rurais, sem-terra, peões, arrendatários, assalariados, safristas e boias-frias. A PJR surge em 1983 no Rio Grande do Sul, com o apoio da Frente Agrária Gaúcha. Sua primeira Assembleia Nacional ocorreu em 1989 (MG), contando com a participação de 11 regionais da CNBB.

A Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP – é a articulação dos jovens da classe trabalhadora urbana, que se organiza a partir do meio social: jovens que atuam nos movimentos populares, nos partidos comprometidos com a causa popular, nos sindicatos, no teatro popular, nos grupos de cultura e dança. A PJMP surge em 1978 num encontro interregional de animadores, jovens e adultos, da PJ do nordeste. Essa pastoral específica busca articular jovens das classes populares, ajudando-os a se reconhecerem como membros de uma classe explorada. No início dos anos 1980 a PJMP argumentava que era pedagogicamente equivocado reunir, em um mesmo grupo, jovens de classes sociais diferenciadas, pois os mais abastados acabam por dominar o grupo. Os jovens das classes populares deveriam se articular entre si para desenvolverem sua consciência de classe e buscarem sua libertação.

A Pastoral da Juventude Estudantil – PJE – tem sua militância no espaço educacional, organizando o jovem na escola, no bairro, nas atividades estudantis e na política estudantil: movimento estudantil, grêmios. A PJE era conhecida no início como pastoral secundarista e, a partir de 1984, passa a se chamar Pastoral da Juventude Estudantil. Surge no Brasil em 1980, por estímulo do Movimento Internacional de Estudantes Cristãos, através de seu Secretariado latino-americano.

O grupo de jovens é a experiência e o espaço central da proposta pedagógica e evangelizadora da PJB que propõe a formação de pequenos grupos, de idade homogênea, com nível de participação estável e com ritmo periódico de reuniões (CNBB, 1998, p. 147). O grupo facilita a criação de laços profundos de solidariedade, permitindo partilhar

critérios, valores, visões e pontos de vista. Dessa forma, o grupo ajuda a enfrentar os desafios da vida, educando o jovem para olhar a realidade e descobri-la junto com os outros. O trabalho em grupo permite a adesão ao projeto de Jesus, impulsionando o jovem para uma renovação permanente do compromisso cristão e dando solidez à sua missão (CELAM, 1997, p. 194).

O grupo de jovens possui algumas etapas de desenvolvimento que são: 1) *Nascimento e infância*. Nesta etapa o grupo depende, em tudo, do assessor e de valores e expectativas trazidas pelos participantes. É muito frágil no início, sendo fundamental a presença do assessor. Neste momento o grupo está centrado em si mesmo e cada jovem busca encontrar soluções para seus problemas. 2) *Adolescência*. Esta é a fase de crise, conflito, passagem e mudança em que ocorre o crescimento e tomada de consciência do grupo e seu lugar na comunidade. 3) *Juventude*. Nesta etapa o grupo se apresenta com maior segurança e estabilidade. Também ocorre maior independência em relação ao assessor. O jovem nesse momento começa a se engajar nos movimentos sociais e populares, superando a esfera da comunidade, na busca pela mudança da sociedade. 4) *Idade adulta*. O grupo que alcança esta etapa é uma verdadeira equipe de vida, com fortes relações e projeto de vida definido. Os jovens, assim, estão a serviço da comunidade e da sociedade, sendo a partilha e a troca de experiências a razão de ser do grupo (CNBB, 1998, p. 150-152). 5) *Morte – vida nova*. O grupo não pode existir para sempre. Nessa fase o grupo é chamado a se dividir e se multiplicar na comunidade e na sociedade, gerando novos grupos e novos trabalhos (CELAM, 1997, p. 200).

Para o CELAM (1987, p. 191), o grupo de jovens é a experiência central pelo fato de pretender acompanhar o jovem em seu processo de discernimento, ajudando-o a construir uma “identidade positiva”. Além disso, o grupo possibilita o amadurecimento da fé, do entendimento da mensagem evangélica e da missão do jovem, contribuindo para que ele assuma seus compromissos nos diferentes meios da sociedade.

Os grupos das pastorais possuem as seguintes características: são formados por 15 a 20 jovens e todos se conhecem. São grupos de amigos que partilham a vida. Esse contexto faz despertar o espírito de liderança, pois todos têm função no grupo, que age para fora, na comunidade. Suas atividades dão consciência crítica para os jovens que, atuando na realidade em que vivem, possuem uma ação transformadora. Boran (1982, p. 306) afirma que o grupo precisa ter coesão, objetivos claros e metodologia elaborada. O autor insiste na importância do grupo de base. Segundo ele, o funcionamento da reunião do grupo é o eixo de toda a formação e engajamento do jovem na Igreja e na sociedade.

A essência da proposta de formação da PJB está no método ver-julgar-agir, herdado da ACE, ao qual a PJB acrescenta mais dois momentos: revisar-celebrar. Este método baseia-se na realidade da vida dos jovens (VER), confrontando com os valores da fé (JULGAR), partindo para uma ação de transformação do meio (AGIR) (OLIVEIRA, 2002, p. 17). O momento do VER significa a tomada de consciência da realidade, a partir dos fatos concretos da vida cotidiana. O JULGAR analisa os fatos da realidade à luz da fé, da vida e da mensagem de Jesus Cristo. A Bíblia e os documentos da Igreja Católica são os instrumentos utilizados para confrontar a realidade. O AGIR é a concretização, a ação transformadora, momento que evita que a reflexão fique no abstrato. O REVISAR é a avaliação, momento de ver até onde se caminhou. O CELEBRAR é o momento de agradecimento da experiência vivida (CNBB, 1998, p. 210-213).

Este método se concretiza na Revisão de Vida e Revisão de Prática, que consiste num processo que deve se transformar num estilo de vida para os jovens (CNBB, 1998, p.

215). Com essas opções pedagógicas definidas, a PJB afirma que pode contribuir para a viabilização de um sonho de toda Igreja progressista, compartilhada pelos movimentos sociais, sindicatos e partidos de esquerda, que é a construção de outra sociedade chamada pelos cristãos da libertação de *Civilização do Amor*. As opções pedagógicas assumidas pela PJB levaram-na a assumir em seu processo histórico a opção política defendida pela Igreja Progressista na América. Assim, a PJB pode ser concebida como a ação da IC, por meio da qual se ajuda os jovens a descobrir, a assimilar e se comprometer com Jesus e sua mensagem. Busca-se construir uma Igreja que tenha um perfil celebrativo, participativo, que opte pelos pobres, que seja libertadora e solidária, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Essa proposta de vivência cristã é assumida como base principal de toda a construção histórica da PJB. Passemos agora para a apresentação das principais características da juventude da RCC a partir do livro *Religião e juventude*.

A juventude do movimento carismático está organizada a partir de dois ministérios: Ministério Jovem (MJ) e Ministério Universidades Renovadas (MUR) que anteriormente eram organizados em uma mesma estrutura chamada Secretaria Marcos. No entanto, com a mudança na organização da RCC, de secretarias para ministérios, há a separação desses dois setores que trabalham com jovens.

Além desses dois ministérios há o Ministério de Música (MM) que possui papel central nos grupos de oração e cujos participantes são, em sua maioria, jovens. Assim, a juventude carismática está organizada a partir de três estruturas: uma responsável pelos grupos de oração jovem, outra responsável pelos grupos de oração universitários (e jovens recém formados) e outra que trabalha com a música, presente em praticamente todas as atividades do movimento. Começamos pela discussão do MJ e sua função no interior do carismatismo brasileiro.

O Ministério jovem possui um coordenador nacional, coordenadores estaduais e diocesanos, responsáveis pela animação dos grupos de oração voltados para a evangelização da juventude. Dificilmente é encontrado na realidade um grupo de oração com participantes apenas jovens. Por esses motivos o MJ possui papel importante, pois procura articular temas, programas e metodologias de evangelização voltada para o público juvenil participante dos grupos de oração.

Paralelamente aos grupos de oração existe uma série de atividades que buscam fortalecer a identidade carismática e a adesão do jovem ao movimento. Há por exemplo o evento “Virado Radical” que tem a proposta de evangelizar em locais públicos como praças, escolas, praias, rios, locais de lazer e campos de futebol. Existem encontros específicos da juventude, que se discutem temas como sexualidade e afetividade, retiros vocacionais, retiros de formação humana, encontros de primeiras experiências, entre outros. As novidades são as “Cristotecas” e as “Raves católicas” organizadas com música eletrônica e que são a evolução dos “Barzinhos de Jesus”, pequenas festas organizadas pelos grupos de jovens carismáticos. Esses momentos são chamados pelo MJ de “Lazer no Espírito”.

Esses elementos são utilizados pelo MJ como forma de articular a juventude presente nos grupos de oração. Por meio de coordenadores – nacional, estadual e diocesano – escolhidos pela coordenação geral da RCC, há o processo de evangelização elaborado em conformidade com os preceitos integrais do movimento carismático no Brasil. No entanto, o MJ não consegue abarcar a diversidade de iniciativas que há no interior do movimento e

por isso o MUR, por exemplo, possui papel complementar na organização e estruturação da formação juvenil.

O MUR (Ministério Universidade Renovadas) trabalha o universo acadêmico em duas frentes: com os estudantes a partir do GOU (Grupo de Oração Universitário) e com os já formados a partir de projetos profissionais. Essa segunda proposta consiste em recrutar profissionais recém formados para trabalhar em programas assistenciais.

O profissional do reino é convidado a adquirir experiência na carreira com o trabalho nos programas assistenciais coordenados pela RCC. Trata-se de unir a formação profissional do fiel com sua formação espiritual carismática e assim construir o processo de aprendizagem no qual esses dois elementos estejam intimamente relacionados.

Acerca dos GOU's (Grupo de Oração Universitário), em 2009 o portal oficial do MUR na internet registrava 702 GOU's em todo o Brasil. O GOU teve seu início em 1994 na UFV - Universidade Federal de Viçosa (MG) a partir da iniciativa de Fernando Galvani que "sonhou" em ver as universidades brasileiras repletas do Espírito Santo. Para Gabriel (2005, p. 40), "ao apresentar o 'sonho' de evangelização universitário que propõe o GOU, se colocará em questão o sentido da religiosidade (católica carismática) no processo da vida acadêmica cotidiana do universitário, e também o sentido reivindicado na ocupação de espaços no interior da Renovação Carismática".

Gabriel chama a atenção para o contexto inicial do MUR, indicando que sua gênese se dá a partir da articulação de jovens carismáticos que vão para o ambiente universitário e almejam continuar cultivando sua espiritualidade. É por isso que a articulação desses elementos possibilitou o surgimento do MUR e sua difusão em diversas universidades do país, a partir de jovens universitários originários, em sua maioria, de famílias católicas com pais pertencentes ao movimento carismático.

Um fato interessante do GOU é que ele tem conseguido se viabilizar a partir das demandas específicas do universitário. "Os pedidos de oração e louvor no GOU atendem aos conflitos e demandas da vida acadêmica: provas, trabalhos, estágios, monitorias, bolsas de estudos, etc" (GABRIEL, 2005, p. 79). Outro fato ao qual Gabriel chama a atenção é para o projeto de poder contido no GOU na medida em que se reivindica mais espaço e participação no poder e postos de liderança na RCC. O objetivo é a construção de uma elite carismática política e religiosa que é almejada, ao mesmo tempo em que o GOU se constrói com certa autonomia da hierarquia do movimento.

Seguindo a perspectiva de Procópio (2009, p. 83-84, 88), nota-se que a RCC se legitima na universidade a partir de dois elementos: resgate da potencialidade militante e engajada do jovem universitário e debate de um modelo de ética profissional. Para o primeiro é apresentado um estilo católico-carismático de militância (e de ser universitário) e para o segundo um modelo de profissional baseado na ética católica. Esse processo se estabelece por meio da "negociação" com o ambiente acadêmico em que é oferecida uma "comunidade emocional" que funciona como "família" para o universitário que se sente deslocado de seu estilo de vida.

Para Procópio, ao transformar o campo de conhecimento em campo de missão, os GOU's fazem da religião o complemento da formação científica, o que causa mudança na perspectiva de vida dos jovens.

O GOU, além do seu papel de socialização do jovem carismático no ambiente universitário, possui a perspectiva de disputa interna no movimento carismático e também almeja permear a sociedade de profissionais do reino comprometidos com o Evangelho e o projeto de Deus para o mundo. Vejamos como esse processo se estabelece no cotidiano da

universidade, para isso, toma-se como referência o estudo de Bertolazo (2008) sobre o GOU “Valei-nos São José” da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul).

O texto de Bertolazo nos interessa pelo fato de direcionar o estudo para a análise da “moral religiosa e sua influência no comportamento sexual” dos participantes do GOU, considerando a “religião como sendo um produto humano que influencia a sociedade na forma de conceber e vivenciar essa sexualidade”. Dessa forma, preocupa-se com a “problemática da vivência do sexo e da postura moral adotada por estes jovens em relação à sua sexualidade”.

Bertolazo (2008, p. 46) avalia que os membros do grupo adotaram o chamado “namoro santo” como forma de superação do “ficar”. Assim, em oposição às relações afetivas momentâneas simbolizadas pelo “ficar”, o “namoro santo” é considerado o relacionamento “ideal entre os fiéis antes do casamento”. Trata-se de “um namoro sem relações sexuais, voltado para o conhecimento psicológico um do outro”.

Por esses motivos, o fiel do GOU busca manter a posição da instituição católica no ambiente universitário, aguardando o casamento para a iniciar sua vida sexual ativa e fazendo duras críticas aos comportamentos homossexuais presente nas universidades brasileiras. Nesse sentido, a busca pelo contato íntimo com o sagrado, conduz o jovem do GOU para um comportamento mais rígido em comparação aos demais jovens da sociedade.

Dando sequência à análise dos setores responsáveis pela evangelização da juventude na RCC, segue-se com a discussão do Ministério de Música. Se por um lado o MJ e o MUR estão voltados para o trabalho de evangelização dos jovens, o MM, apesar de sua importância para o setor, está presente em praticamente todos os segmentos do movimento carismático católico. Responsável pela animação dos grupos de oração, missas e eventos de massa em geral, o MM tem papel fundamental no processo de condução dos momentos de oração e partilha das atividades da RCC.

Dessa maneira, pode-se afirmar que o MM é formado por um grupo de pessoas que tem como meta a transmissão do Evangelho a partir da música. O exemplo mais significativo dessa realidade é o cantor e compositor Dunga, da Comunidade Canção Nova, que foi capaz de gerar um movimento de jovens, o PHN – Por Hoje Não vou mais pecar, dentro da sua comunidade de vida e no interior do próprio movimento carismático.

A partir do exemplo de Dunga, mostra-se como as Comunidades de Vida e Aliança do movimento carismático também estão articulando os jovens católicos. Pode-se afirmar que há três principais comunidades de vida e aliança no Brasil: além da Canção Nova, destaca-se a Toca de Assis e a Shalom.

Toca de Assis. O Instituto de vida religiosa Toca de Assis é a comunidade que “abraça o ideário franciscano de vivência radical da pobreza e tem como carisma cuidar de moradores em situação de rua” (CARRANZA & MARIZ, 2009, p. 144). Com a maioria de jovens vivendo em comunidade, a Toca de Assis se caracteriza pelo anti-intelectualismo, pelo desestímulo à formação religiosa (sacerdotes e freiras) e por um tipo de seguimento emocional e incondicional ao líder-fundador Pe. Roberto José Lettieri que atualmente encontra-se afastado da comunidade.

Com a lógica da renúncia total da riqueza, inclusive intelectual, a juventude da Toca de Assis assume, portanto, uma perspectiva de vivência em moldes radicalmente opostos aos princípios presentes na modernidade. Não se busca a formação profissional para a procura de um trabalho e do sucesso, mas sim a subserviência ao líder da comunidade e a confiança no projeto divino ao qual vislumbra estar completamente inserido.

Shalom. Situada na cidade de Fortaleza-CE, a Shalom é uma das mais importantes comunidades carismáticas no Brasil e, diferentemente da Toca de Assis, essa comunidade se preocupa com a formação dos membros da comunidade e possui vínculos com instituição de ensino, a Faculdade Católica Nossa Senhora Rainha do Sertão, situada em Quixadá-CE.

Toda estrutura de evangelização citada acima se desenvolve por meio de uma espiritualidade carismática que produz vivências extraordinárias e sensações mágicas, conduzidas pelas lideranças da comunidade, principalmente pelos fundadores Moysés Louro de Azevedo Filho e Maria Emmir Nogueira.

Canção Nova. Possui sua sede central na Chácara Santa Cruz, na cidade de Cachoeira Paulista-SP, desenvolve um trabalho de evangelização juvenil conhecido por PHN. Esta comunidade, precursora das novas comunidades carismáticas, foi fundada em 1978 pelo Monsenhor Jonas Abib em conjunto com um grupo de 12 jovens.

Difundido a partir da Canção Nova, os jovens do PHN são chamados a estar mais próximo de Deus com o auxílio da experiência cotidiana. Com o PHN é possível recomençar a cada dia. Essa experiência surge em um contexto de crise e indeterminações, isto é, numa perspectiva de futuro imediato. “Pensar em não pecar nunca mais nos dá uma grande insegurança: ‘Eu não vou conseguir’. Mas por um dia, só pelo espaço de um dia, se apresenta mais possível e a gente cria coragem” (ABIB, 2005, p. 11).

A RCC compreende essa realidade e trabalha com essa possibilidade diante de um cenário de falta de perspectiva, principalmente para os jovens que se encontram ainda em processo de estabelecimento na sociedade. Monsenhor Jonas defende: “Vai ser mais fácil: por hoje, só por hoje eu não vou mais pecar. Quando chegar amanhã eu vou começar tudo de novo”.

O PHN reforça essa realidade de indeterminação e ensina o jovem a enfrentá-la a partir daquilo que ele consegue enxergar, ou seja, o futuro próximo, o agora mesmo, o imediatamente posto. Nesse sentido, desenvolve-se a pedagogia para convencer o jovem a permanecer no roteiro proposto pelo movimento. Roteiro que possui uma fundamentação teológica e moral, concebida principalmente por Jonas Abib e difundida de forma eficiente pelo cantor, compositor e apresentador Dunga.

Considerações finais

Apresentou-se neste trabalho a síntese de uma pesquisa que durou cerca de 10 anos, entre 2001 e 2011, período no qual o presente autor realizou seus estudos de mestrado em Ciências Sociais (UFSCar, 2002-2004) e doutorado em Sociologia (USP, 2006-2009). Entretanto, a monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais (UNESP-Araraquara) e defendida em 2001, foi o ponto de partida desse estudo. Além disso, depois da defesa do doutorado foi possível organizar uma ampla revisão entre 2010 e 2012 para publicação dos resultados nos dois livros já citados.

Como vimos, as juventudes apresentadas refletem a diversidade presente no interior do catolicismo brasileiro. Com proposta de evangelização diferentes, ambas comungam do mesmo princípio: a unidade em torno de Roma. Nenhuma delas se considera menos católica, apesar das críticas mútuas.

Além disso, faz-se necessário frisar que a lógica das tendências é utilizada como ponto de partida para classificar os agrupamentos internos da Igreja Católica. Na base, nas paróquias e comunidades, há diversificada confluência e convivência entre as

tendências. No caso dos grupos de pastoral de juventude, por exemplo, evidencia-se elementos da espiritualidade carismática nas atividades dominicais, principalmente com relação ao uso de músicas produzidas pelas bandas do carismatismo.

Há também a existência de grupos que ignoram esses agrupamentos constituídos e desenvolvem uma espiritualidade contextualizada na realidade local. Estes geralmente transitam entre elementos das tendências tradicional e modernizadora conservadora que tende a predominar no catolicismo contemporâneo.

O fundamental é compreender que a juventude católica, assim como a juventude em geral, precisa ser pensada do ponto de vista de sua pluralidade e diversificação. Apesar de pertencerem a uma mesma instituição, enfatizam elementos que dão identidade ao conteúdo de suas práticas. Conteúdos católicos, todavia, expressos a partir de sensibilidades diferenciadas.

O estudo focou as duas principais vertentes da juventude católica. Entretanto, tantas outras existem e são significativas para o contexto atual. Na tendência tradicional há a presença da juventude dos Arautos do Evangelho. Na tendência reformista encontram-se os jovens maristas que estão presentes em todas as regiões do Brasil. Trata-se de grupos juvenil ainda pouco estudados.

Nesse sentido, o trabalho desse pesquisador continua em direção ao complemento do conhecimento acerca das juventudes presentes na Igreja Católica no Brasil.

Referências

ABIB, Pe. Jonas (2005) *Geração PHN*. Cachoeira Paulista-SP: Canção Nova.

AUGUSTO, Maria H. O. (2005) Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. In *Tempo Social*, vol 17, n° 2. São Paulo: USP, nov., pp. 11-33.

BERTOLAZO, Gisele S. (2008) *Moral e comportamento sexual: a perspectiva dos jovens do grupo de oração universitário “valei-nos São José”*. Campo Grande-MS: Dissertação de mestrado, UFMS, mimeo.

BORAN, J. (1982) *Juventude, o grande desafio*. São Paulo: Paulinas.

____ (1994) *O futuro tem nome: juventude*. São Paulo: Paulinas.

BORAN, J. & DICK, H. (1983) *Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo: Loyola.

CARRANZA, Brenda et all. (org.) (2009) *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida-SP: Idéias & Letras.

____ (2000) *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida-SP: Santuário.

- ____ & MARIZ, Cecília L. (2009) Novas comunidades católicas: por que crescem? In CARRANZA, Brenda et. all. (orgs.) *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida-SP: Idéias & Letras.
- CELAM (1987) *Pastoral Juvenil: si a la civilización del amor*. Bogotá: Coleção documentos CELAM n. 93.
- ____ (1997) *Civilização do Amor: tarefa e esperança – orientação para ao pastoral da juventude latino americana*. São Paulo: Paulinas.
- CNBB (1983) *Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo: Paulus, Coleção Estudos, nº 44.
- ____ (1998) *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo: Paulus, Coleção Estudos, nº 76.
- ____ (2006) *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Palus, Coleção Estudos, nº 93
- ____ (1994) *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. Documentos da CNBB Nº 53. São Paulo: Paulinas.
- FORACCHI, M. M. (1965) *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Nacional.
- ____ (1972) *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira.
- GABRIEL, Eduardo (2005) *A evangelização carismática católica na universidade: o sonho do grupo de oração universitário*. São Carlos-SP: Dissertação de mestrado, UFSCar, mimeo.
- GRAMSCI, A. (2001) *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol 4.
- ____ (2001b) *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol 1.
- GROPPO, L. A. (2000) *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel.
- LECCARDI, Carmen (2005) Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. In *Tempo Social*, vol 17, nº 2. São Paulo: USP, nov., pp. 35-57.
- LÖWY, M. (1991) *Marxismo e Teologia da libertação*. São Paulo: Cortez.
- ____ (2000) *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes.
- MARIZ, Cecília L. (2005) Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. In *Tempo Social*, vol 17, nº 2. São Paulo: USP, nov., pp. 253-273.
- MARX, K. (1986) *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec.

MENDOLA, Salvatore La (2005) O sentido do risco. In *Tempo Social*, vol 17, nº 2. São Paulo: USP, nov., pp. 59-91.

OLIVEIRA, R. (2002) *Pastoral da Juventude: e a Igreja se faz jovem*. São Paulo: Paulinas.

PORTELLI, Hugues (1984) *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Paulinas.

PROCÓPIO, Carlos E. (2009) A RCC na universidade: transformando o campo de conhecimento em campo de missão. In CARRANZA, Brenda et. all. (orgs.) *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida-SP: Idéias & Letras.

SOFIATI, Flávio M. (2011) *Religião e juventude: os novos carismáticos*. Aparecida/São Paulo: Idéias & Letras / FAPESP.

____ (2012) *Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação*. São Carlos/Goiânia: EDUFSCar / CAJU.

WEBER, Max (2005) *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Cia da Letras.

____ (2004) *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB. Volume I.